

O SAL e sua ambivalente dimensão: Sabor da comida e Símbolo de preservação religiosa

Geraldo J. A. Coelho Dias



I Seminário Internacional sobre o sal português
Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005, p. 339-348

O SAL e sua ambivalente dimensão: Sabor da comida e Símbolo de preservação religiosa

Geraldo J. A. Coelho Dias*

Resumo

Desde a Antiguidade que existem referências à utilização e à importância do sal, quer na sua dimensão prática da vida terrena quotidiana, quer na sua dimensão religiosa de ligação do homem com o sagrado. Em ambas, ele pode significar preservação e incorruptibilidade de alimentos e moralidades. Pode igualmente ser conotado com amargura e esterilidade, sinais claros da ira divina perante a corrupção dos costumes cristãos. Lembre-se que a maldade das pessoas podia transformar as terras férteis em salinas. O sal e a vida, o sal e a Bíblia e o sal e a liturgia cristã são os principais enfoques desta comunicação.

Since Ancient Times, there have been references from salt's use and importance, whether in its everyday life dimension or in its religious one, connecting man with the sacred world. In both, salt can mean food and moral preservation and incorruptibility. It can also represent bitterness and sterility, clear signs of divine anger towards the corruption of Christian practices. Remember, people's evil could transform fertile land in salines. The connections between salt and life, salt and the Bible, salt and the Christian liturgy are the main focus of this paper.

O Sal é absolutamente necessário à vida do homem para o equilíbrio do seu organismo, para lhe dar sabor à comida, como no-lo diz a experiência, e tem ainda uma dimensão positiva como elemento terapêutico no combate às doenças da malária¹. Todavia, sem deixar de ser ele mesmo, pode causar doenças. Na Antiguidade, Santo Agostinho advertia contra o imoderado uso do sal na comida afirmando que o exagero podia torná-lo veneno². Na verdade, se muito sal faz mal à saúde, a falta de sal torna a comida insossa e causa fastio. Já de forma retórica se interrogava o livro de Job: "Acaso, comer-se-á um manjar insípido sem sal" (Job, 6,6)?

A religião é, como se sabe, uma super-estrutura da sociedade, que, apesar do seu objetivo transcendente, anda muitas vezes unida ao imanente, económico e comercial. No caso do sal, isso é por demais evidente e até podemos dizer que, no Ocidente Europeu, a disciplina da Igreja Católica e a dietética monástica foram grandes fatores de produção e comercialização do sal³, como veremos. No séc. XI, o arcebispo de Ravena detinha o contro-

* FLUP/OSB. Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto das disciplinas de História das Civilizações Pré-Clássicas e de História das Religiões. Membro do IHM-UP/FLUP. Autor de publicações como *Religião e Simbólica*. Participação em revistas, congressos e colóquios nacionais e estrangeiros.

1 PINOTTI, Mário – *O sal como veículo de medicamentos antimalários: sua importância nos programas de erradicação da doença*, Lisboa, Empresa Tip. Casa Portuguesa Suc. Lt., 1965, 325-333.

2 «Salem immoderartius acceptum, quis non venenum esse clamaverit», S. AUGUSTINUS - *De moribus ecclesiae catholicae et Manichaeorum*, Lib. 2, Col. 1350, línea 41).

3 LATHAM, James E. - *The religious symbolism of salt* / by James E. Latham; Paris : Beauchesne, 1982 (Théologie Historique ; 64); MOLLAT, Michel (editor) – *Le rôle du sel dans l'histoire*, Paris, PUF, 1968.

lo efectivo ou monopólio do sal em Cervia e chegou mesmo a levantar-se uma tensão económica entre Ravena e Veneza por causa da venda do sal de Cervia⁴.

Em Portugal, no Porto, o rei D. Dinis fez uma composição (28/IV/1282) com o Bispo D. Vicente por o rei D. Afonso III, seu pai, ter mandado que não se comprasse nem vendesse sal aos moradores da cidade senão no lugar de Gaia⁵. Nos Livros dos Originiais do Cabido da Sé do Porto encontramos vários documentos relativos ao direito do sal em 1410 e 1423 e ao pagamento da portagem por parte dos negociantes de sal⁶. Sabemos, aliás, como na Idade Média mercadores de Aveiro, Lisboa, e Setúbal enriqueciam com a produção e exportação de sal para a Europa do Norte. O aumento do consumo de sal deveu-se em grande parte à modificação do regime alimentar que, desde o séc. XIII, deu particular preponderância às carnes e aos vegetais, destravando no Mediterrâneo o desenvolvimento das marinhas e salinas e favorecendo o progresso de Veneza e os rendimentos da fiscalidade dos estados⁷. Ainda em 18/XI/1757 emanava do rei de Portugal um "Decreto para se medir o sal que for para o Brasil".

Ressalta, portanto, à vista a utilidade e conveniência deste colóquio, com todas as implicações, que o trabalho do sal acarreta e com todas as implicações dietéticas, que o uso do sal exerce. Se na Antiguidade, no Egipto, por exemplo, os sacerdotes que assistiam aos enterros praticavam a abstenção ou tabu do sal, como ainda entre os hindus e povos africanos, não podemos ignorar que o sal tem também uma dimensão sagrada, como no-lo diz a Bíblia, comum a judeus e cristãos: "As coisas mais necessárias à vida do homem são: a água, o fogo, o ferro, o sal, a farinha de trigo, o mel, o sumo da uva, o azeite e o vestuário" (*Ben Sirá* 39,26). Ora é precisamente esta utilidade e necessidade prática, que nos alerta para a dimensão religiosa e simbólica do sal no Judaísmo e no Cristianismo. Na verdade, o Cristianismo apareceu no âmbito duma sociedade ainda dominada pelo ruralismo. Por isso, serve-se das coisas mais imediatas à vida do homem na sua naturalidade para nos transportar às realidades transcendentais, de que aquelas são tipo e imagem⁸. Para a Bíblia e para o Cristianismo as realidades terrestres são símbolos de realidades superiores. Estabelece-se, assim, uma espécie de paralelismo entre a vida material do corpo humano e a vida espiritual da graça. Veja-se na religião cristã o uso da água, do pão, do vinho, do sal, do óleo ou azeite, como eles funcionam enquanto elementos do sagrado, sobretudo nos sacramentos da iniciação cristã: Baptismo, Eucaristia, Crisma, Ordem e Santa Unção.

I. A visão bíblica do sal

1/ O Sal e a vida. O sal é, antes de mais, pela sua qualidade intrínseca de conservar e dar sabor, algo de incorruptível, conservador e preservador contra a corrupção e a podridão⁹. Assume, por isso, uma espécie de força vital com dimensão importante na vida dos homens, qual é a de conservar os alimentos e dar sabor à comida (*Job* 6,6). O sal é, além disso, sinónimo de pão. Comer o sal de alguém é comer-lhe o pão, viver à sua custa e, por isso, estar ligado à sua casa (*Escl.* 4,14). Uma aliança de sal é aquela que é firmada entre os

4 MONTANARI, Massimo – *Alimentazione e cultura nel Medioevo*, Bari, Editori Laterza, 1988, 175-205.

5 BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Documentos para a História do Porto*, Ms. 1341, 24.

6 ALMEIDA, José Gaspar de – *Índice-Roteiro dos chamados Livros dos Originiais do Cartório do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Publicações do Arquivo Distrital, 1936, 104 (Livro XV, 1673, fl. 9, 11).

7 BAUTIER, Robert-Henri – *A Economia na Europa Medieval*, Lisboa, Editorial Verbo, 1973, 246.

8 SCOUARNEC, Michel – *I simboli cristiani*, Milão, Giubaudi, 2000.

9 SEL, in «Dictionnaire de Spiritualité», Fasc. 15, Paris, 1989, 544-548.

que comem juntos à mesma mesa (2 Cr. 13,5). Não foi sem razão, aliás, que o ganha-pão dos homens foi tido como o salário do seu trabalho, sem dúvida porque com sal se pagava o trabalho. Salário é palavra que vem de sal, exactamente pela importância que o sal tinha para a vida. Para os romanos, pão com sal era alimento de pobres; aos eremitas do deserto e aos ascetas bastava-lhes pão e sal¹⁰

É por isso que, na vida, à boa maneira romana, tudo se quer, metaforicamente, com um grãosito de sal, "*cum grano salis*"; até a conversa tem de ter um pique de sal, isto é, ser engraçada, senão é um desconsolo.

Comersal com alguém também pode significar fazer um pacto de amizade, na medida em que um pacto de sal é algo de incorruptível, de indissolúvel, uma aliança duradoura e, por consequência, marca um contrato permanente, inalterável, irrevogável e indissolúvel: "Todos os tributos santificados, que os filhos de Israel oferecem ao Senhor, Eu os darei a ti, aos teus filhos e às tuas filhas como lei perpétua, aliança de sal, eterna diante do Senhor, para ti e para a tua descendência" (Nm. 18,19).

Claro que o excesso de sal cria o amargor e faz com que o sal, simbolicamente, exprima a amargura da vida, lágrimas, trabalhos, dificuldades e sofrimentos. Assim se exprimiram poetas como António Sardinha nos versos "O luvor do sal" em a "Epopéia da Planície" e Fernando Pessoa com o patriótico poema do "Mar Salgado" da "Mensagem":

"Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!"

2/ O Sal e a Bíblia. Exactamente pelo que significa, o sal é símbolo da eficácia e da estabilidade¹¹. Por essa razão, mistura-se sal nos sacrifícios ("Na tua oferta não deixarás faltar o sal da aliança do teu Deus", Lv. 2,13; Ez. 43,24) e até se mistura no incenso (Ex. 30,35), com certeza por causa da sua natureza incorruptível. Por causa disso, na administração do Templo de Jerusalém havia o cuidado de armazenar sal para os sacrifícios sagrados e, nesse sentido, se fala do "celeiro do sal" (Esd. 6,9;7,22). Era uma forma de preservar o ambiente dos maus cheiros que a putrefacção das carnes dos animais imolados podia provocar.

Com sal purificou o profeta Elias as águas amargas e salobras da fonte de Jericó (2 Re. 2,19-22) tomando-as sãs e potáveis.

Por sua vez, o profeta Ezequiel transmite a informação da prática judaica de esfregar os recém-nascidos com sal, e nisso via-se não tanto uma precaução higiénica, quanto um rito religioso para lhes garantir a incorruptibilidade da saúde e os conservar incorruptíveis e imunes de maldade (Ez. 16,14). Veja-se, por isso a força da alegoria ou imagem literária com que o profeta compara a cidade de Jerusalém a uma criança recém nascida, que não foi esfregado com sal, isto é, não foi preservado na sua incorruptibilidade. De facto, o sal dá saúde, mantém a vida e dá-lhe durabilidade, sendo, por essa razão, uma necessidade vital do homem (Jb. 6,69).

Todavia, o sal também significava a secura, a esterilidade, como sinais da ira divina. A malícia das pessoas pode transformar a terra fecunda em salinas, como adverte o salmista (Sl. 107,34), com certeza referindo-se ao caso paradigmático de Sodoma e Gomorra (Gn. 19; Dt. 29,22).

Esse indício de maldição aparece nos costumes que se verificam de na guerra, os lugares e cidades vencidas serem votados à desolação e ao extermínio e aspergidas com sal para que ficassem estéreis e não mais revivescessem (Dt. 29,23; Jz. 9,45, Zac. 2,9; Sl. 107,34).

¹⁰ «(Erat illi esca panis et sal)», diz a biografia de Santo Antão (*Vita Antonii*, 7,6). Outro tanto diz Cassiano acerca do alimento dos monges do sul da França (*Collationes* VIII, 1).

Assim procedeu Abimeleque aspergindo com sal a cidade conquistada de Siquém (Jz. 9,45). Tal costume ainda se observava em 1 Mac. 10,29; 11,35). E correspondia à prática do "Hérem", anátema ou interdito, pelo qual, entre os judeus da Bíblia, uma pessoa ou coisa era condenada à destruição total e à morte (Ex.22,19).

Na história de Portugal, quem não recorda o gesto do Marquês de Pombal, após o suplício dos Távoras e dos Duques de Aveiro, mandando salgar a "terra infame", junto a Belém, onde se erguera o palácio do Duque de Aveiro? Ainda agora, quase escondido, lá permanece um padrão a dar a conhecer esse facto.

Neste sentido, toda a região a sul do Mar Morto, na Palestina, segundo a terminologia hebraica (*Yam Hammelah*, isto é, *Mar de sal*), era uma região seca, devastada e queimada pela ira divina (Gn. 14,3; Jos. 18; 19) como castigo contra os pecados de sodomia da gente daquelas terras, onde se erguiam as suas cidades de Sodoma e Gomorra. Talvez que a lenda bíblica sobre o fogo caído do céu, do qual escaparam Abraão, Lot e respectivas famílias, não passe duma narrativa etiológica do livro bíblico do Génesis para explicar o carácter espantoso e geograficamente singular daquela terra seca, queimada e com tantas montanhas de sal-gema.

Todavia, no Novo Testamento, o sal apresenta uma dimensão significativa diferente. Ele é como que sinónimo de condimento saboroso e fiel (Mc. 9, 50-51). Com efeito, no Sermão da Montanha, Jesus serviu-se da imagem do sal para comparar a eficácia e a fidelidade do apostolado dos seus discípulos à eficácia do sal, na medida em que deviam transmitir com fidelidade sem adulteração nem corrupção a mensagem do divino Mestre: "Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar, Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens" (Mt. 5, 13; Mc. 9,50; Lc. 14,24). Sal corrompido, de facto, não serve para nada e nem encontra com que seja ele próprio salgado; é inútil.

Seria interessante referir que o malabarista da Bíblia e da língua portuguesa, que foi o Pe. António Vieira, serviu-se do mote de Jesus "*Vos estis sal terrae*" (Mt. 5,13), pregando sobre Santo António em S. Luís do Maranhão, 1654, aplicando-o aos pregadores: "Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra, o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo, servem os seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal"¹². Depois, no célebre sermão de Santo António aos peixes, Vieira, em encantadora e arrebatadora prosopopeia, virou-se a pregar aos peixes¹³.

11 CULLMANN, Óscar – *Que signifie le sel dans la parabole de Jésus?*, «RHPR», 37, 1957, 36-43; LURKER, Manfred – *Dizionario delle immagini e dei simboli biblici*, Milão, Arnoldo Mondadori Editore, 1994. Tradução do alemão.

12 Obras do Padre António Vieira. *Sermões*, Tomo I, Lisboa, Editores J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, 1854, 30.

13 O valor didáctico da afirmação de Jesus sobre o sal é usado por teólogos e escritores para enaltecer o papel da Igreja e dos ordens religiosos: FROSSAR, André – *O sal da terra: as grandes ordens religiosas*, São Paulo, Herder, 1965 (tradução do francês).

De igual modo, já S. Paulo na Epístola aos Colossenses se referia à força do sal, que preserva da corrupção: "Que a vossa palavra seja sempre amável, temperada de sal, para que saibais responder a cada um como deveis" (Col. 4,6). Na verdade, o sal era símbolo de preservação, de incorruptibilidade. Por outro lado, a perda de força a que o sal está sujeito é sinónimo da falta de pureza moral e de sabedoria. Por essa razão, já no Antigo Testamento, a esposa de Lot, curiosa e duvidosa do fogo que caía sobre Sodoma e Gomorra, fora convertida em estátua de sal (Gn. 19,26), narrativa que, certamente, não passa duma lenda etiológica popular para explicar os megalitos antropomórficos e, no caso, para assinalar uma saliência rochosa da região em figura de mulher, tal como nós, na Serra da Estrela, apontamos a "Cabeça da velha".

Os egípcios antigos do tempo dos faraós, a quando do processo de mumificação dos cadáveres, tiravam as vísceras e para a desidratação do corpo untavam-no com um tipo de sal betuminoso colhido no Wadi Natrum, o célebre "natrão" ou carbonato de soda cristalizado, e, dessa maneira, procuravam a conservação dos corpos, que, espantosamente, chegaram aos nossos dias bem conservados, com milhares de anos.

II. A visão cristã do sal

1/ O Sal e a Liturgia Cristã. Consciente da incorruptibilidade que o sal pode dar para a conservação dos alimentos, a liturgia cristã usa-o como elemento ritual de purificação e, de forma simbólica e premonitória, para indicar a pureza moral, a sabedoria espiritual, que um baptizado em Cristo deve conservar. De acordo com os Padres da Igreja, sobretudo S. Jerónimo, Cristo é o "sal celeste" que nos dispensa a vida da graça. Por consequência, a linguagem dos cristãos deve ser continuamente purificada com sal (Col. 4,6). Um texto antigo escreve: "Recebe também o catecúmeno o sal abençoado com o qual é signado, porque, assim como toda a carne salgada com sal se conserva, assim também a mente húmida e elanguescida com as ondas do mundo se salga com o sal da sabedoria e da pregação da palavra do Verbo de Deus"¹⁴.

Neste sentido, os liturgistas salientam a prática dos antigos romanos porem sal na boca das crianças no nono dia do seu nascimento, quando se festejava o "*dies lustricus*" ou se fazia a purificação ritual das crianças. Tal cerimónia, pelo seu significado, passou por sistema de osmose mental para o cristianismo e pode estar na origem da prática cristã da "*datio salis*", como símbolo do empenhamento cristão na sabedoria de Deus, que preserva o baptizado da corrupção do pecado. Como sinal premonitório dessa verdade, é que, de facto, no Sacramento do Baptismo se usava pôr sal na boca do recém baptizado, tido, portanto, como símbolo de sabedoria e elemento de valor apotropaico para neutralizar os espíritos malignos, que incitam o homem para o mal e para o pecado. De Roma esta prática passou a África e a primeira notícia da degustação do sal pelos catecúmenos, que estão para ser baptizados, encontra-se precisamente em África, no Concílio de Hipona de 393. É tratado como um sacramental, juntamente com a farinha do pão eucarístico e a ela se refere Santo Agostinho, +430¹⁵. Depois, em Roma, o Sacramentário Gelasiano alude a esta degustação ou prova, ordenando: "*Postquam (cathecumenus) gustaverit medicinam salis*". Parece que também na

14 "Accipit etiam cathecumenus benedictum sal in quo signatur, quia, sicut omnis caro sale condita servatur, ita sale sapientiae et praedicationis Verbi Dei mens fluctibus saeculi madida et fluxa conditur".

15 "Salis speciem benedictione sanctificatam", AUGUSTINUS – *De cathechizandis rudibus*, 36 (26?), 50; *De peccato, mérito et remissione*, II, 26. Cfr. *Confissões*, I, 11, 17.

Hispania se usava esta unção do sal: "*Exorcizantur... deinde Sales accipiunt et ununtur*", como escreve Santo Isidoro¹⁶. Parece que esta degustação do sal se dava não só antes do Baptismo, mas até outras vezes, como depois de Páscoa. A "*datio salis*" estava ligada aos escrutínios dos catecúmenos que se preparavam para o Baptismo e que tinham lugar no III Domingo da Quaresma, como fase última da preparação baptismal¹⁷. Por isso, um livro de carácter catequético para instrução dos catecúmenos punha a seguinte questão: "Porque se põe sal na boca dos catecúmenos? Porque o sal significa a sabedoria, como se diz: -Homem, recebe o sal da sabedoria"¹⁸.

Com a introdução da prática geral do Baptismo das crianças, o rito da "*datio salis*", enquanto "perfeita medicina", manteve-se ao longo dos tempos na liturgia romana ocidental com a fórmula: "Eu te exorcizo criatura do sal para que te tomes medicina perfeita a permanecer nas vísceras de todos os que te receberem"¹⁹.

Ao preparar-se a reforma litúrgica do ritual do Baptismo depois do Concílio Vaticano II, em 1969, ainda houve quem defendesse a manutenção do rito do sal como forma de significar o acolhimento. Com efeito, parece que no Oriente era norma de hospitalidade, ao receber um caminhar, ajudá-lo a recuperar as energias que tinha perdido na caminhada. Como, certamente, tinha suado, as leis da hospitalidade mandavam que se lhe oferecesse em primeiro lugar água e sal. Na reforma do ritual dos Sacramentos, de acordo com a Constituição Litúrgica Nº 67, na Bélgica houve quem defendesse, por isso, que a um baptizando adulto se oferecesse, simbolicamente, em vez do sal um biscoito salgado e benzido com a respectiva explicação²⁰.

De facto, porém, razões de pastoral e de higiene conseguiram levar a última reforma litúrgica do Concílio Vaticano II a permitir que se pudesse omitir tal rito, que ainda vinha no Ritual Romano.

De resto, a liturgia da bênção da água mandava que, em memória e a exemplo do milagre de Eliseu ao purificar com sal as águas de Jericó, se deitasse sal na água que ia ser benzida²¹, manifestando, dessa forma, a pureza da água benta.

Quando na Idade Média se generalizou o princípio da sacralização total da vida, em dia de Páscoa era costume benzer os alimentos ou comestíveis (*Benedictio esculentorum*), uma vez que, como afirmava Durando, séc. XIII, "nesse dia sagrado não devemos comer senão o que abençoado pelo sacerdote"²²; assim, lá aparece, de facto, a bênção do sal e do rábano, a que se juntava uma razão de alcance apotropaico contra as forças diabólicas²³.

2/ O sal e a dietética cristã e monástica. Ligadas à Liturgia, temos ainda as práticas alimentares do tempo da Quaresma, quando a Igreja, de forma penitencial e dietética, pretende impor jeuns e abstinências. Trata-se de proibir o consumo exagerado da carne substi-

16 ISIDORUS HISPALENSIS – *De Officiis*, II, 21.

17 MARTIMORT, A. G. – *A Igreja em oração. Introdução à Liturgia*, Mosteiro de Singeverga/Desclée et Cie, Edições Ora & Labora, 1965, 190-191; RIGHETTI, Mário – *Storia della Liturgia*, Vol. IV, Milão, Editrice Ancora, 1959, 64-65.

18 "*Quare mittitur sal in ore catechumeni? Ideo quia sal significat sapientiam, sicut dicitur: Homo, accipe sal sapientiae*", *Liber Quare*, Appendix 1, Quaestio 24, Additio 2, línea 1.

19 "*Exorcizo te, creatura salis... ut fiat omnibus accipientibus perfecta medicina, permanens in visceribus eorum...*", *Rituale Romanum*, Editio Taurinensis juxta typicam, Taurini-Romae, 1926, pg. 15: *Ordo Baptismi*, caput 2, Nº 6.

20 *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*. Direcção de Fr. Guilherme Baraúna, OFM, Editora Vozes, Petrópolis, 1964, 548.

21 "*Ordo ad faciendam aquam benedictam*", *Rituale Romanum*, p. 268.

22 DURANDUS – *Rationale divinarum officiorum*, VI, cap. 86,7: "*In hoc sacro die, nihil quod a sacerdote non sit benedictum, comedere debemus*".

23 "*Benedictio salis et raphani exeunte médio aevo in quibusdam ecclesiis in usum venit, sed sal ad condiendas carnes adhibitum simul etiam finem apotropaicum habuit, ut sit depulsio diabolicae malignitatis et reparatio animae et corporis*", RADÓ, Polycarpus – *Enchiridion Liturgicum*, II, Romae, Herder, 1961, 125o.

tuindo-a por peixe nas sextas-feiras da Quaresma. Novamente aí aparece o uso do sal, que tira a água, seca e conserva, exercendo, por isso, o papel de precioso auxiliar para a manutenção do peixe. Essa prática alimentar, fomentada pela disciplina da Igreja, atravessou toda a Idade Média sendo observada rigorosamente pelos cristãos. Mas os monges, nisto, foram realmente modelares. S. Bento (480-547), o grande legislador monástico do Ocidente no século VI, que impôs a sua Regra ao monaquismo europeu, estipulava na Regra que a carne apenas se devia permitir aos doentes, por razão de caridade: "Iguamente se permitirá aos doentes muito fracos comer carne, para se fortalecerem; mas, logo que se encontrem restabelecidos, todos se abstenham dela, conforme o costume" (RB, 36,9). Mais adiante, a propósito da "medida da comida", volta a repetir: "Da carne de quadrúpedes todos se abstenham em absoluto, excepto os enfermos extremamente fracos" (RB, 39, 10). Daqui, inclusive, originou-se uma questão casuística para se decidir se se poderia ou não comer carne de aves. Ao longo dos tempos, a "epiqueia" monástica lá conseguiu fazer passar a ideia de que a carne de aves era lícita, uma vez que S. Bento, neste passo, só fala de quadrúpedes, enquanto as aves são bípedes.

Estão, portanto, a ver como era preciso armazenar sal nos mosteiros para conservação do pescado, quando ainda não se tinha inventado os frigoríficos. De resto, se analisarmos os textos medievais e até de época mais moderna referentes aos mosteiros beneditinos (Capítulos Gerais e Constituições) e mesmo de outras ordens religiosas constataremos como aqueles se preocupavam com obter licenças de pesqueiras nos rios próximos dos mosteiros para pescar barbos, bogas, escalos, enguias, lampreias, peixotas ou sável, trutas. Assim era em Alpendurada, no rio Douro, em Santo Tirso no Ave, em Tibães no Cavado, em Rendufe também no Cavado. Não raras vezes, as pesqueiras foram causa de desavença e demandas entre monges, rendeiros e populações vizinhas²⁴. Um exemplo curioso desta preocupação pelo peixe e pelo sal era o mosteiro de S. João Baptista da Foz, pertencente ao mosteiro de Santo Tirso, que, por doação régia, obteve um Couto na Foz do Douro. Ali, o mosteiro de Santo Tirso mantinha uma pequeníssima representação monástica exactamente para recolher peixe e sal, que, depois, eram encaminhados para o mosteiro principal. Também o rei D. Afonso IV ditou uma carta sobre o sal de Massarelos, que abastecia o mosteiro de cónegos de Cedofeita²⁵. Sabemos, de resto, como a Condessa Mumadona no seu testamento de 26/1/959 deixou as "terras e salinas que comprara em Aveiro" ao mosteiro de Guimarães, por certo a mais antiga referência às salinas de Aveiro²⁶; doava também salinas em Fão²⁷. Por sua vez, o Mosteiro cisterciense de Arouca tinha terras na zona da ria de Aveiro, sem dúvida, para melhor se poder abastecer de peixe e de sal. Mas estes são apenas exemplos pontuais, que podem indicar pistas de estudo mais alongado e pormenorizado.

Levar-nos-ia longe o estudo da alimentação nos mosteiros portugueses desde a Idade Média até à expulsão dos religiosos em 1834. Na antiga Congregação Beneditina Portuguesa, os "Estados" trienais, enviados para os Capítulos Gerais de Tibães e conservados no Arquivo Distrital de Braga, fornecer-nos-iam muita matéria de estudo neste campo das carnes, dos peixes e do sal, sobretudo através duma inspecção às salgadeiras guardadas na dispensa junto à cozinha.

24 Ficaram célebres as demandas dos monges de Alpendurada, junto aos rios Douro e Tâmega, com os seus rendeiros por causa das pesqueiras, cfr. ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO - *Convento de S. João de Alpendorada*, Livro 144 (agora 3243), Fls. 112-120; 321-329 e Livro 145 (agora 3244), Fls. 12-20; 338-339; 340-343.

25 ANTT - Livro 4º de D. Afonso IV, Fl. 48; Livro 2º de *Além Douro*, Fl. 215.

26 *Testamento de Mumadona*. Versão portuguesa de Mário Cardozo, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1975, 33.
27 *Livro de Mumadona*. Cartulário medieval existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Vol. I. Reprodução e apresentação por J.A. Pinto Ferreira, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1973, 92.

No hagiológico cristão, costumam ser apresentados como santos Padroeiros do Sal S. Brás, celebrado a 3 de Fevereiro, bispo e mártir advogado das doenças da garganta, e S. Roberto ou Rupert de Salzburgo, cidade do sal como o nome indica, o qual é celebrado a 27 de Março e, por isso mesmo, tem como emblema simbólico um saleiro ou barrica de sal.

Conclusão

Como se viu, o sal, de tanta importância para a vida física do homem, tinha, na visão simbólica da Bíblia como na Liturgia cristã e na prática quaresmal cristã, uma verdadeira dimensão religiosa. Por um lado, havia uma razão simbólica e apotropaica, relacionada com a sabedoria do coração e a defesa das insídias diabólicas; por isso, no Cristianismo esteve ligado ao Sacramento da iniciação cristã, o Baptismo. Por essa razão, com certeza, é que o grande Doutor da Igreja, S. Jerónimo, afirmava que Cristo era o "sal celeste"²⁸. Já antes, porém, Santo Inácio de Antioquia comparava Cristo ao sal da incorruptibilidade cristã: "Que Ele seja o sal da vossa vida para que ninguém entre vós se corrompa"²⁹. Por outro lado, havia também uma razão de ordem prática e funcional para conservar o peixe que, durante a Quaresma, em dias de abstinência, devia ser a base da alimentação dos religiosos e até dos cristãos. Esta é, por consequência, a dimensão religiosa do sal!

Dado, porém, o carácter ambivalente do sal como sabor da comida e causa de doença, advertia o Bispo de Viseu, D. António Alves Martins (1862-1882): "a religião deve ser como o sal na comida: nem demais, nem de menos". Na estátua que, em frente ao Seminário Maior de Viseu, perpetua a memória deste bispo, lá está uma inscrição com a frase emblemática. Com efeito, dada a sua ambivalência, o sal é termómetro de equilíbrio e diz-nos que em tudo, na vida, tem de haver proporção e medida, ou não fosse esta a regra de ouro da virtude.

28 "scio me legisse in quodam uolumine de domino saluatore, quod ipse sit sal caeleste, et non solum terrena et inferna sed caelestia quoque suo sapore conducerit, et impleatur illud quod scriptum est: gloria in excelsis deo, et in terra pax hominibus bonae uoluntatis - quartum est: nec inuoluta pannis; et saluator pannis est inuolutus infantiae, et omnis qui nascitur per inuoluta pannorum protectionem dei indiget" - Hieronimus - *Commentarii in Ezechielem*, Liber 4, Caput 16, Línea 948.

29 Inácio de Antioquia - *Epistola ad Magnenses*, 10,2.